



Redes amazônicas: As contribuições da população local nas viagens de Bates, Wallace e Agassiz

ANDERSON PEREIRA ANTUNES¹

Resumo: A organização de uma expedição científica no século XIX não era uma tarefa trivial. As viagens eram onerosas e incluíam obstáculos financeiros, logísticos, burocráticos, entre outros. Por este motivo, manuais e instruções eram publicados com o objetivo de orientar os viajantes em relação aos desafios que encontrariam. Ainda que preparados, imprevistos e contratemplos não eram incomuns, principalmente em regiões como a Amazônia. A escassez de mapas precisos, a dificuldade da navegação fluvial e a existência de grandes regiões pouco habitadas ou habitadas somente por populações indígenas traziam desafios adicionais. Ainda assim, a região se tornou um dos principais destinos dos viajantes, especialmente a partir da segunda metade do século. Foi durante este período que estiveram no Brasil naturalistas como Henry Bates (1848-1859) e seu companheiro Alfred Wallace (1848-1852), e Louis Agassiz com a Expedição Thayer (1865-1866). Em termos de apoio financeiro e institucional, o contexto destas viagens foi distinto. Agassiz e sua equipe contavam com financiamento de um banqueiro estadunidense, apoio institucional da Universidade de Harvard e de seu Museu de Zoologia Comparada e dispunham, ainda, das vantagens garantidas pela amizade entre o naturalista suíço e o Imperador Pedro II. Por outro lado, Bates e Wallace eram jovens britânicos de origem modesta que buscavam financiar suas viagens a partir do trabalho de coleta de espécimes. Apesar do contraste, estes viajantes visitaram algumas das mesmas cidades e tiveram contato com alguns dos mesmos habitantes. A interação com a população local, já prevista nas instruções de viagem, oferecia aos viajantes oportunidades para superar algumas das adversidades encontradas. Em seus livros e diários, encontramos relatos sobre terem recebido auxílios diversos de um grupo variado de moradores locais, que incluía escravos, indígenas e estrangeiros que residiam na região. Além de atuarem como guias, carregadores, navegadores e intérpretes, muitos contribuíram com a localização, identificação, coleta e preparação de espécimes, além de

¹ Doutor em História das Ciências e da Saúde pela Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz. Bolsista PCI no Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST).

compartilharem conhecimentos sobre a natureza local. A análise das redes de auxiliares que contribuíram com as expedições de Bates, Wallace e Agassiz nos permite compreender a importância da sociabilidade para o trabalho naturalista de campo. Além disso, a identificação das pessoas que formavam essas redes permite constatar a existência de um pequeno grupo de indivíduos frequentemente associados aos naturalistas que visitavam a região Amazônica. Neste trabalho, chamo a atenção para as redes de colaboradores envolvidos com estes três naturalistas viajantes durante suas passagens pela Amazônia brasileira com o objetivo de demonstrar a importância de analisar e identificar quem eram os seus auxiliares e quais as contribuições da população local para suas expedições.

Palavras-chave: circulação; expedições científicas; naturalistas viajantes; Amazônia

Introdução

A historiografia sobre as expedições científicas que percorreram o Brasil ao longo do século XIX eternizou os nomes de naturalistas como Charles Darwin, Alfred Wallace, Henry Bates e Louis Agassiz. Suas passagens pelo nosso país foram analisadas por inúmeros historiadores para responder a problemas de pesquisa diversos em uma ampla coleção de artigos, teses e livros. As viagens de Darwin e Bates podem, ainda, ser encontradas retratadas em filmes e documentários que reproduzem com alguma licença poética as suas investigações científicas pelas matas brasileiras. Menos célebres, contudo, são os colaboradores e auxiliares que participaram dessas expedições fornecendo apoios diversos, inclusive científicos.

Uma busca nas principais bases de dados acadêmicas revela uma ausência de maiores investigações sobre as contribuições científicas de indivíduos como o Major João Martins da Silva Coutinho, engenheiro militar efusivamente elogiado por Agassiz por sua participação na Expedição Thayer, sobre Jerônimo Costa, morador de Manaus que se correspondia em francês com Bates após o seu retorno para a Inglaterra para dar notícias sobre os fenômenos naturais que observava, ou sobre o Padre Torquato Antônio de Sousa, importante figura religiosa e política na região Amazônica e mencionado nos livros de viagem de, pelo menos, três diferentes viajantes que estiveram na região.

A contribuição dos habitantes locais para as expedições científicas dos naturalistas estrangeiros que escolheram o Brasil como destino de suas viagens, no entanto, não pode mais ser ignorada. Recentemente, o tema tem recebido a atenção de inúmeros historiadores e é possível listar uma diversificada produção historiográfica dedicada a compreender as relações entre os viajantes e as populações locais no contexto de produção de conhecimento científico ao longo das viagens².

2 Dentre uma extensa bibliografia, sugiro como pontos de partida: CAMERINI, Jane. Wallace in the field. *Osiris*, 2nd series, v. 11, Science in the field. p. 44-65, 1996. Disponível em: <https://warwick.ac.uk/fac/arts/history/students/modules/hi916/week5/camerini_wallace_in_the_field>

A presente comunicação é resultado de duas pesquisas que seguem esta linha de investigação, realizadas dentro do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, da Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz. A primeira delas, realizada durante o curso de mestrado³, teve como foco a passagem da Expedição Thayer pelo Brasil, liderada pelo naturalista de origem suíça Louis Agassiz. Já na segunda pesquisa, concluída ao longo do doutorado⁴, enfoquei as relações entre a população local e o naturalista Henry Walter Bates, que veio ao Brasil juntamente com Alfred Russel Wallace em 1848, e residiu na região Amazônica por um total de onze anos.

Em ambas as pesquisas, uma análise dos livros de viagem publicados pelos naturalistas após deixarem o Brasil, das correspondências trocadas antes, durante e após as viagens, das notícias publicadas em periódicos brasileiros relacionadas com a passagem dos estrangeiros pelo país, dentre outras fontes, permitiram identificar que o apoio da população local foi imprescindível e fundamental para a realização das expedições. Além do previsível apoio logístico relacionado com a movimentação e a estada pelas diferentes províncias do país, membros da população local também forneceram importante apoio científico, particularmente na coleta e preparação de espécimes e no compartilhamento de informação sobre as espécies nativas.

Além disso, analisar estes relacionamentos permite compreender como funcionavam as redes que apoiaram a elaboração do conhecimento científico gerado a partir das viagens, sendo interessante observar como alguns indivíduos tinham um papel importante na mediação entre os naturalistas estrangeiros e as populações locais, principalmente indígenas. Com a utilização de *softwares* de visualização de redes, é possível analisar e observar estes relacionamentos visu-

pdf>. Acesso em: 2 set. 2020; FAN, Fa-ti. Science in a Chinese entrepôt: British naturalists and their Chinese associates in Old Canton. *Osiris*, 2nd series, v. 18, Science and the City, 2003, p. 60-78. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3655285>>. Acesso em: 2 set. 2020; LIMA, Carla Oliveira. *A experiência de campo de Alfred Russel Wallace na Amazônia Oitocentista: Viagem, ciência e interações*. Rio de Janeiro, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, 2014. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/16082/2/204.pdf>>. Acesso em: 2 set. 2020; MOREIRA, Ildeu de Castro. O escravo do naturalista. *Ciência hoje*, v. 31, n. 184, julho 2002. Disponível em: <<http://www.casadaciencia.ufrj.br/caminhosdedarwin/downloads/escravo.pdf>>. Acesso em: 2 set. 2020; RAJ, Kapil. Mapping knowledge go-betweeners in Calcutta, 1770-1820. pp. 105-150. IN: SCHAFFER, Simon; ROBERTS, Lissa; RAJ, Kapil; DELBOURGO, James (eds.). *The brokered world. Go-Betweeners and Global Intelligence, 1770-1820*. Massachusetts: Science History Publications, 2009; ANTUNES, Anderson; MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu. Uma análise da rede de auxiliares da expedição de Louis Agassiz a Brasil (1865-1866). *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 9, 2016, pp. 113-125. Disponível em: <https://www.sbhc.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=2786>. Acesso em: 2 set. 2020.

3 ANTUNES, Anderson Pereira. *A rede dos invisíveis: uma análise dos auxiliares na expedição de Louis Agassiz ao Brasil (1865-1866)*. 2015. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, 2015. Disponível em: <http://www.ppghcs.coc.fiocruz.br/images/dissertacoes/dissertacao_anderson_antunes.pdf>. Acesso em: 2 set. 2020.

4 ANTUNES, Anderson Pereira. *Um naturalista e seus colaboradores na Amazônia: a expedição de Henry Walter Bates ao Brasil (1848-1859)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2019. Disponível em: <http://www.ppghcs.coc.fiocruz.br/images/dissertacoes/teste/tese_anderson_antunes.pdf>. Acesso em: 2 set 2020.

almente, ilustrando graficamente conceitos caros à História da Ciência, como o de *go-between*⁵.

No contexto da segunda metade do século XIX, em que diversas expedições científicas se dirigiram à Amazônia brasileira, chamo a atenção, em especial, para a importância da compreensão das relações entre naturalistas e habitantes locais na região. Foi particularmente a partir da segunda metade do século XIX que o Brasil e a Amazônia, em particular, despontaram como um dos destinos favoritos para muitos viajantes estrangeiros. A expectativa de que a natureza brasileira poderia contribuir positivamente para a compreensão da questão da origem das espécies fez com que muitas expedições científicas tenham visitado o país no período.

No caso das expedições de Bates, Wallace e Agassiz, todas tiveram alguma relação com a questão da origem das espécies, tanto no sentido de coletar espécimes e informações que pudessem auxiliar na compreensão da origem da vida, quanto no sentido de tentar refutar a teoria da seleção natural elaborada por Darwin e Wallace. Todos os três naturalistas também visitaram a região Amazônica e, conjuntamente, seus livros de viagem mencionam nominalmente mais de 400 habitantes locais.

A diversidade das colaborações recebidas pelos naturalistas

Geralmente, um dos primeiros grupos com os quais os viajantes tinham contato ao chegarem no Brasil era formado por estrangeiros que já habitavam no país. O contato com compatriotas, outros viajantes e expatriados que compartilhavam do mesmo idioma era particularmente importante para superar o obstáculo constituído pelas barreiras linguísticas e culturais. Na região Amazônica, a capital paraense era um importante ponto de chegada para navios ingleses e uma análise dos periódicos que circulavam em Belém na segunda metade do século XIX revela a contínua chegada de navios vindos de Liverpool, como aquele no qual chegaram Bates e Wallace. A vinda da Família Real portuguesa para o Brasil, a consolidação de laços políticos e comerciais entre Inglaterra e Portugal, a criação da província do Grão-Pará e a posterior comercialização da borracha extraída na região Amazônica foram todos fatores que contribuíram para o estabelecimento de diversas casas comerciais estrangeiras, muitas delas inglesas, no Pará. Para britânicos como Bates e Wallace, esse contexto era particularmente vantajoso. De acordo com Antunes (2019):

Além do acolhimento dos compatriotas que aqui residiam, a presença de uma rota comercial já estabelecida entre os dois países facilitava o envio de espécimes de volta para a Inglaterra. Da mesma forma, a existência de estabelecimentos comerciais ingleses na cidade também facilitava a transferência de dinheiro, o câmbio e, quando necessário, a concessão de empréstimos aos viajantes. No caso específico de Bates e Wallace, as

5 SCHAFFER, Simon; ROBERTS, Lissa; RAJ, Kapil; DELBOURGO, James (eds.). *The brokered world. Go-Betweens and Global Intelligence, 1770-1820*. Massachusetts: Science History Publications, 2009.

firmas inglesas no Pará foram fundamentais para que conseguissem receber os lucros dos espécimes vendidos em Londres por Stevens. (ANTUNES, 2019, p. 241).

Comerciantes como Daniel Miller e Paul Robert Singlehurst, da firma Miller, Singlehurst & Co. foram importantes contatos ao longo do início da expedição de Bates e Wallace, fornecendo alojamento e informações aos viajantes. Talvez o mais notório estrangeiro a ser mencionado pelos viajantes em seus livros de viagem foi o comerciante italiano Henrique Antony, residente de Manaus cujo nome figura hoje em uma das ruas do centro da cidade. Já na década de 1840, era um dos principais comerciantes na região, conhecendo tão bem os produtos naturais e industriais locais que foi convidado a participar da comissão que selecionou os produtos que representariam o Pará na Exposição Nacional de 1861. Além de fornecer alojamento para Bates e Wallace, Antony também é mencionado nos livros de William Henry Edwards, Richard Spruce, Johann Natterer e Gaetano Oscullati.

Enviados diplomáticos, como o cônsul estadunidense que residia no Pará em 1848, Henry Lee Norris, e seu posterior substituto, Eben P. Bailey, também eram importantes pontos de contato. Além de compartilharem do mesmo estatuto de estrangeiros que os viajantes, o fato de ocuparem cargos oficiais diplomáticos geralmente significava que eram pessoas bem relacionadas entre a comunidade estrangeira e a elite local. Dessa forma, o contato com os residentes estrangeiros na região Amazônica funcionava como um primeiro ponto de partida para a expansão das redes de colaboradores por entre a população local. Assim, não são raros os casos em que os residentes estrangeiros foram responsáveis por apresentar os viajantes a membros da elite local, incluindo presidentes de província, ou a mediar o contato entre os naturalistas e escravos e indígenas que os acompanhariam em excursões pelo interior.

O estudo das relações entre os naturalistas e as populações locais permite observar que a expansão de uma rede de contatos depende, em vasta medida, dos indivíduos que a compõem, uma vez que cada novo relacionamento representa a possibilidade de expansão daquela rede para incluir os contatos mediados pelo novo indivíduo adicionado. Dessa forma, evidencia-se a importância de indivíduos bem relacionados que possam atuar como mediadores, *brokers* ou *go-between*. De acordo com Subrahmanyam (2009), *go-between* é um intermediário capaz de se movimentar por dois mundos culturais, sociais ou linguísticos diferentes, criando uma ponte para relacionar duas partes que, neste caso, são formadas por estrangeiros e habitantes locais.

Neste sentido, membros da elite local, como políticos, magistrados, militares e religiosos também eram importantes pontos de contato para um naturalista recém-chegado ao país. O Padre Torquato de Souza, por exemplo, foi descrito por Bates como alguém que “não deve ser desconhecido do público europeu” (Bates, 1863, p. 285). De professor do Seminário Episcopal de São José a presidente da Assembleia Provincial do Amazonas, Torquato foi uma importante figura religiosa e política na Amazônia Oitocentista. Esteve também, envolvido com diversos

naturalistas, atuando como guia e hospedando diversos viajantes. Além disso, por seu trabalho como missionário, era fluente em língua geral e possuía uma boa relação com os indígenas que habitavam próximo ao Xingu, atuando também como mediador entre os estrangeiros e os nativos.

Além do contato necessário para cumprir as burocracias e regras de sociabilidade locais, que muitas vezes incluíam apresentar-se aos principais residentes da região, o contato com membros da elite local também era favorecido pelo fato de que muitos haviam estudado em países europeus, sendo capazes de se comunicar em inglês ou francês com os viajantes.

A importância da habilidade de traduzir para os idiomas locais pode ser observada na participação do Major João Martins da Silva, orientado pelo Imperador D. Pedro II a acompanhar a Expedição Thayer na função de guia. Além do seu conhecimento do Norte e Nordeste brasileiro, regiões que já havia visitado e explorado cientificamente em diversas ocasiões anteriores como parte de seu trabalho na inspeção de terras, traçado de mapas e investigações geológicas, Coutinho também era capaz de falar a língua geral. Dessa forma, o Major possuía uma ampla rede de contatos indígenas no interior do Brasil, conhecendo muitos dos líderes de grupos nativos. Elizabeth Agassiz, que acompanhou seu marido durante a viagem ao Brasil, registrou no livro de viagem redigido pelo casal:

Enquanto o Major Coutinho e eu passeávamos pelo litoral na tarde passada, encontramos um grupo de indígenas. Era uma família que morava do outro lado do lago e que vinha com um barco cheio de peixes e tartarugas para vender na cidade. [...] A cordialidade de sua recepção, no entanto, depende muito da maneira em que são abordados. O Major Coutinho, que já viveu anos entre eles, entende muito bem o seu caráter e tem um tato extraordinário para lidar com eles. Ele também fala um pouco de seu idioma e isto é muito importante, pois aqui muitos dos índios falam apenas a "língua geral". (AGASSIZ; AGASSIZ, 1868, p. 226, *tradução livre*).

Uma leitura do livro de viagem publicado por Agassiz e sua esposa revela os efusivos elogios feitos pelos viajantes ao Major Coutinho e ao seu conhecimento da natureza e dos hábitos indígenas. O relatório publicado pelo *Museum of Comparative Zoology*, que recebeu a coleção reunida pela Expedição Thayer no país, também revela que Coutinho foi responsável por coletar um grande número de mamíferos, répteis e peixes. Além disso, correspondências trocadas entre Agassiz, Elizabeth e Pedro II, publicadas pelo Museu Imperial de Petrópolis, revelam agradecimentos ao Imperador por tê-los apresentado a Coutinho.

O contato direto entre Agassiz e o Imperador Pedro II é um ponto de destaque em sua passagem pelo Brasil, pois diferencia a sua expedição daquela planejada e orquestrada por Bates e Wallace, que contavam com recursos muito mais modestos. A amizade do Imperador foi essencial para garantir vantagens no deslocamento menos burocrático pelas alfândegas locais, assim como para garantir o apoio incondicional dos presidentes das províncias visitadas pela comitiva. Dessa forma, a presença de Pedro II na rede de colaboradores de Agassiz ilustra

o ponto acima referido sobre a importância de intermediários bem relacionados para a expansão de uma rede de contatos.

Já dentre os presidentes de província, merece destaque Antônio Epaminondas de Melo, presidente da província do Amazonas no período entre 1865 e 1867. Além de receber a equipe de Agassiz, o presidente também fez questão de contribuir ativamente durante a passagem dos viajantes por sua província. Além de convidá-los para participar de diferentes festividades, dentre as quais podemos destacar um baile em honra de Aureliano Cândido Tavares Bastos, um dos principais defensores da abertura da navegação do Amazonas aos estrangeiros, Epaminondas também mandou organizar e participou de excursões destinadas a ciceronear os viajantes pelo interior da província.

Eram nas excursões para o interior que as redes de colaboradores nas expedições científicas diversificavam-se ainda mais. Bates, por exemplo, percebeu e registrou em seu livro de viagem que carregar consigo cartas de recomendação, apesar de ser uma importante forma de entrar em contato com a população local, tinha sua eficiência limitada aos grandes centros urbanos onde habitava a elite local. No interior, segundo o viajante, era preciso “acostumar-se aos modos de vida da classe mais humilde de habitantes” (BATES, 1863, p. 147, *tradução livre*).

É preciso, portanto, levar em consideração a formação social da região Amazônica em meados do século XIX e os consideráveis números de escravizados, libertos e indígenas de diferentes grupos que habitavam a região e compunham a parcela denominada por Bates como “a classe mais humilde de habitantes”. Não era incomum, por exemplo, que naturalistas adquirissem ou tomassem emprestados dos senhores locais alguns escravos para acompanhá-los em suas expedições, cuidarem dos alojamentos e do preparo das refeições.

A contribuição da população escravizada para as expedições científicas ainda precisa ser mais profundamente analisada, ainda que a pesquisa esbarre na dificuldade da ausência de fontes redigidas pelos próprios, narrando seus pontos de vista no contato com os estrangeiros. Mesmo nos relatos dos viajantes, existem muitos casos em que os indivíduos escravizados não são identificados. Ainda assim, não faltam exemplos como Isidoro que, mesmo sem poder se comunicar com os viajantes, atuou como guia mostrando para Bates e Wallace as principais plantas locais e seus usos ou de José, escravo liberto que acompanhou Bates durante vários meses de sua viagem. Como os próprios exemplos demonstram, a identificação destes indivíduos é frequentemente difícil, uma vez que temos apenas um nome e uma descrição física para identificá-los. No entanto, no caso de Bates, o viajante descreveu a amizade que manteve com alguns dos libertos que conheceu como algumas das mais positivas que teve no país, utilizando termos que demonstram a confiança que depositava neles. Em sua pesquisa, Camerini (1996) descreve como a utilização de adjetivos como *trustworthy* e *friend* podem ser reveladores da relação de proximidade que os viajantes mantinham com seus colaboradores locais.

De forma semelhante, ainda são necessários maiores estudos sobre as relações entre os naturalistas e as populações indígenas, uma vez que os nativos não apenas foram importantes auxiliares para a navegação, mas para a coleta de espécimes. Ainda hoje, a navegação fluvial tem um papel importante para a locomoção na região Amazônica e os livros de viagem revelam a superioridade do conhecimento indígena sobre os rios e as melhores formas de navegá-los, além de fornecer descrições sobre os tipos de embarcações usadas. Não era incomum, ao longo destas viagens, que os naturalistas aproveitassem rotas comerciais para o interior, que eram navegadas por barqueiros indígenas.

Na medida em que avançavam para o interior, o contato com os povos indígenas era amplificado e muitos viajantes foram recebidos e coabitaram com indígenas durante suas viagens, o que os levava em algumas ocasiões a aprender frases e expressões nos idiomas dos nativos. Bates, em um de seus cadernos de campo, registrou a tradução de diversas frases que considerada importantes para comunicar com os nativos, como “vamos caçar insetos?”, “venha comigo na floresta”, além dos nomes nativos para os animais da região. Analisando a expedição de Bates, Antunes (2019) afirma que:

Em diversas ocasiões ao longo de seu relato, Bates informa sobre a importância dos indígenas para a caça, coleta de espécimes, navegação dos rios e deslocamento pelas florestas. A experiência e conhecimento que possuíam sobre a natureza local e os hábitos das espécies que nela viviam foram essenciais ao naturalista. Mesmo as crianças indígenas, embora menos experientes que os adultos, ainda assim eram valiosos aliados de um naturalista viajante. (ANTUNES, 2019, p. 295).

Um estudo mais abrangente dos livros de viagem publicados pelos naturalistas pode revelar detalhes importantes sobre as culturas de diversos povos indígenas amazônicos, uma vez que são registradas as regiões onde habitavam, os nomes de alguns de seus principais membros, elementos de suas culturas como as formas de habitação, alimentação e festividades, além informações aprendidas com os indígenas sobre as espécies de flora e fauna locais. Além de conhecer as espécies nativas, seus hábitos e habitats, os naturalistas também frequentemente comentam e descrevem as formas tradicionais de caça, elogiando o uso do arco e flecha e da zarabatana como meios mais vantajosos e menos destrutivos de capturar espécimes para as coleções científicas.

Na relação com os indígenas, é preciso destacar o papel do Diretório dos Índios, instrumento legal criado ainda no século XVIII e que instituía a figura do diretor dos índios, autoridade com os direitos legais de supervisionar a integração da população indígena à sociedade local. Encarregados de controlar a mão de obra indígena, os diretores dos índios muitas vezes abusavam de seus poderes, como apontado por Coelho (2005), às vezes em prol dos próprios naturalistas, que assim conseguiam com pouco ou nenhum custo alguns auxiliares indígenas para suas expedições.

Considerações finais

Como observado ao longo desta breve comunicação, as redes de colaboradores que apoiavam os naturalistas viajantes em suas viagens contavam com indivíduos diversos, desde estrangeiros residentes no Brasil até indígenas e indivíduos escravizados. De forma semelhante, o apoio cedido por estes colaboradores não ficava limitado ao apoio logístico, mas incluía também auxílio na realização de tarefas científicas, especialmente a coleta de espécimes, mas também o preparo, a preservação e o registro de informações sobre as espécies de fauna e flora nativas. Ao analisar a formação de uma rede de colaboração em meio a uma expedição científica, notamos que a propagação da rede pela região Amazônica dependia fortemente de intermediários que pudessem mediar as relações entre os estrangeiros e os habitantes locais, principalmente no caso em que as barreiras linguísticas e culturais se constituíam como obstáculos para a interação.

Ainda que as convenções da escrita científica muitas vezes tenham determinado que os nomes desses colaboradores tenham sido apagados dos artigos e das comunicações científicas feitas por esses viajantes, tornando-os invisíveis, os livros de viagem, correspondências e outras fontes revelam a sua presença em meio as expedições. A análise desses registros revela quem eram alguns desses colaboradores e de que forma contribuíram para as expedições, permitindo que essas redes de colaboradores sejam mapeadas. No processo de análise das expedições de viajantes como Agassiz, Bates e Wallace, alguns nomes se destacam e observamos a importância de alguns indivíduos, como o Major João Martins da Silva Coutinho, como mediadores nas relações dos viajantes com os nativos. Já outros indivíduos, como o Padre Torquato, são repetidamente referenciados por viajantes que visitaram a região Amazônica em momentos diversos.

A identificação desses colaboradores, no entanto, é apenas um primeiro ponto de partida para o mapeamento da extensão dessas redes e do impacto que alguns moradores locais tiveram na realização das expedições científicas que estiveram no Brasil ao longo do século XIX. Para compreender a investigação da natureza Amazônica por esses viajantes, precisamos atentar para o apoio recebido pelos moradores locais e para as formas como essas redes eram formadas e se expandiam a partir do contato com indivíduos-chave na função de intermediários ou *go-between*. Dessa forma, a continuação desse trabalho de análise, identificação e mapeamento dos colaboradores locais nas expedições dos naturalistas que estiveram na região Amazônica ao longo do século XIX é fundamental, bem como é necessária uma análise mais aprofundada das relações entre os viajantes e as populações indígenas e escravizadas que residiam no Brasil. Por fim, analisar comparativamente as redes de colaboradores de um número maior de viajantes que estiveram na região poderá ajudar a revelar a extensão da participação desses indivíduos na construção do conhecimento científico oriundo das observações e coletas realizadas durante as expedições.

Referências

AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cabot Cary. *A Journey in Brazil*. 4ª ed. Boston: Ticknor and Fields, 1868. Disponível em: <<https://archive.org/details/journeyinbrazil00agasia>>. Acesso em: 2 set. 2020.

ANTUNES, Anderson Pereira. *Um naturalista e seus colaboradores na Amazônia: a expedição de Henry Walter Bates ao Brasil (1848-1859)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2019. Disponível em: <http://www.ppghcs.coc.fiocruz.br/images/dissertacoes/teste/tese_anderson_antunes.pdf>. Acesso em: 2 set 2020.

ANTUNES, Anderson; MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu. Uma análise da rede de auxiliares da expedição de Louis Agassiz a Brasil (1865-1866). *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 9, 2016, pp. 113-125. Disponível em: <https://www.sbhcc.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=2786>. Acesso em: 2 set. 2020.

ANTUNES, Anderson Pereira. *A rede dos invisíveis: uma análise dos auxiliares na expedição de Louis Agassiz ao Brasil (1865-1866)*. 2015. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, 2015. Disponível em: <http://www.ppghcs.coc.fiocruz.br/images/dissertacoes/dissertacao_anderson_antunes.pdf>. Acesso em: 2 set. 2020.

BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. A record of adventures, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of nature under the Equator, during eleven years of travel. vol. I. London: John Murray. 1863. Disponível em: <<https://archive.org/details/naturalistonrive01bate>>. Acesso em: 2 set. 2020.

BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. A record of adventures, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of nature under the Equator, during eleven years of travel. vol. II. London: John Murray. 1863. Disponível em: <<https://archive.org/details/naturalistonrive02bate>>. Acesso em: 2 set. 2020.

CAMERINI, Jane. Wallace in the field. *Osiris*, 2nd series, v. 11, Science in the field. p. 44-65, 1996. Disponível em: <https://warwick.ac.uk/fac/arts/history/students/modules/hi916/week5/camerini_wallace_in_the_field.pdf>. Acesso em: 2 set. 2020.

COELHO, Mauro Cezar. *Do sertão para o mar*. Um estudo sobre a experiência portuguesa na América, a partir da colônia: o caso do Diretório dos Índios (1751-1798). Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005. 433p. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-08062006-085817/pt-br.php>>. Acesso em: 2 set. 2020.

FAN, Fa-ti. Science in a Chinese entrepôt: British naturalists and their Chinese associates in Old Canton. *Osiris*, 2nd series, v. 18, Science and the City, 2003, p.

60-78. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3655285>>. Acesso em: 2 set. 2020.

LIMA, Carla Oliveira. *A experiência de campo de Alfred Russel Wallace na Amazônia Oitocentista: Viagem, ciência e interações*. Rio de Janeiro, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, 2014. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/16082/2/204.pdf>>. Acesso em: 2 set. 2020.

MOREIRA, Ildeu de Castro. O escravo do naturalista. *Ciência hoje*, v. 31, n. 184, julho 2002. Disponível em: <<http://www.casadaciencia.ufrj.br/caminhosdedarwin/downloads/escravo.pdf>>. Acesso em: 2 set. 2020.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. *Anuário do Museu Imperial de Petrópolis*, vol. 13, Petrópolis: Museu Imperial, 1952.

MUSEUM OF COMPARATIVE ZOOLOGY. *Annual report of the trustees of the Museum of Comparative Zoology, at Harvard College, in Cambridge, together with the report of the director, 1866*. Boston: Wright & Potter, 1867. Disponível em: <<http://biodiversitylibrary.org/page/41111987>> Acesso em: 2 set. 2020.

SCHAFFER, Simon; ROBERTS, Lissa; RAJ, Kapil; DELBOURGO, James (eds.). *The brokered world. Go-Betweens and Global Intelligence, 1770-1820*. Massachusetts: Science History Publications, 2009.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. Between a rock and a hard place: some afterthoughts. In: SCHAFFER, Simon; ROBERTS, Lissa; RAJ, Kapil; DELBOURGO, James (eds.). *The brokered world. Go-Betweens and Global Intelligence, 1770-1820*. Massachusetts: Science History Publications, 2009, pp. 429-440.

WALLACE, Alfred Russel. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro: with an account of the native tribes, and observations on the climate, geology, and natural history of the Amazon valley*. Londres: Reeve and Co., 1853. 597 p. Disponível em: <<https://archive.org/details/narrativeoftrave00wall>>. Acesso em: 2 set. 2020.